

Consultas são desativadas

O Hospital de Base não marcará mais consultas. A medida adotada pela direção do HBDF entrou em vigor na segunda-feira e tem por objetivo reforçar o atendimento a casos complexos encaminhados pelos hospitais regionais. A iniciativa não é inédita e já vem sendo praticada gradativamente pelo HBDF, que hoje reserva apenas 20% das vagas para os que procuram diretamente o hospital, sendo as demais preenchidas pelos pacientes encaminhados por outros hospitais. "Agora o percentual para a marcação feita pelo paciente é reduzido para 10%, destinados apenas aos encaminhamentos do nosso Pronto-Socorro e às remarcações das consultas dos doentes já em tratamento", esclareceu o diretor do hospital, Mauro Guimaraens.

Cirurgia

Duas áreas não foram atingidas: a Cirurgia Geral (casos de úlceras, hérnias, sangramento de varizes e outros) e a Medicina Tropical (meningite, tuberculose, Aids, hanseníase, esquistosomose, malária, leishmaniose visceral e cutânea, conhecida como calazar). Essas áreas são acessíveis a qualquer pessoa "pela pouca demanda e triagem natural que apresentam", disse o médico, acrescentando que este é o avesso do quadro apresentado pela Neurologia, Oftalmologia e Otorrinolaringologia.

Segundo Mauro Guimaraens, na última quinta e sexta-feira ha-

via no guichê da Oftalmologia dezenas de pessoas em busca de consultas, em sua maioria para indicação de óculos. "Essas pessoas não vão mais aos hospitais de sua Regional", disse o diretor do Hospital de Base, acrescentando que o problema é que o HBDF dispõe de poucos médicos que estão voltados para casos mais complexos, como transplantes, por exemplo.

Demanda

Ainda segundo o diretor, a demanda reprimida não é só na Oftalmologia. Pelo menos cinco mil pacientes disputam os serviços da Neurologia, que atualmente conta com apenas cinco médicos. "Muitas vezes são mães com filhos que têm convulsões e que podem perfeitamente ser atendidos por pediatras ou clínicos gerais (casos de adultos) em suas próprias localidades", exemplifica.

Para o diretor, falta às vezes, compreensão da comunidade já que a maioria dos casos pode ter solução nos hospitais regionais, quando não nos próprios centros de saúde. "Reconheço que há necessidade de mais profissionais na periferia, o que deve ser resolvido com o concurso que está sendo feito pela Fundação Hospitalar, mas uma rede do porte da FHDH não pode deixar de ter um hospital terciário quando pelo menos dez hospitais estão à disposição da comunidade para o atendimento menos complexo", disse.